

A CRUELDADE DOS FELIZES

Contos de provocação e afetos

A CRUELDADE DOS FELIZES

Contos de provocação e afetos

Rafa Lima



Rio de Janeiro

2011



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

A CRUELDADE DOS FELIZES

Contos de provocação e afetos

Copyright © 2011, Rafa Lima
Todos os direitos são reservados no Brasil por:
Rafa Lima

PoD Editora

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
Faça seu pedido pelo site: www.podeditora.com.br

Capa:

Vitor Leal – contato@vitorleal.com

Diagramação:

Control C – Impressos sob Demanda

Revisão:

Rafa Lima

Impressão e Acabamento:

Control C – Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressão autorização do autor.

A obra se encontra de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L696c

Lima, Rafael

A crueldade dos felizes: contos de provocação e afetos/ Rafael Lima. - Rio de Janeiro: PoD, 2011.

ISBN 978-85-62331-60-2

1. Conto brasileiro. I. Título.

11-2587.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

10.05.11 11.05.11

026274

Sumário

Introdução “Vem comigo, vem!”	7
Radiohead na Portela (Psicotrópicos nos trópicos)	9
Deus Desnudo	19
Meu bebê (Partes 1-7)	29
O prêmio	41
O premiado	48
Matadouro das virtudes {quadro 1 de 4}	55
Jornalivre antes que jornalixo	64
Intervalo “Não se perca de mim”	71
Como vou com o sonho envenenar a sua alma!	73
A frieza do artilheiro	80
A descoberta da jovem escritora (ou <i>I want to be a classic!</i>) {quadro 3 de 4}	86
Acesso, você quer, você quer, você quer (A farra dos trigêmeos sociais)	96
O experiente	103

INTRODUÇÃO

“VEM COMIGO, VEM!”

O escritor é um gigolô. O gigolô iluminado! A linguagem é o desejo. O talento excita. Artista sustentado por quem o ama. Ah, as mulheres! O que seria do escritor sem elas? Cada vez mais livres, cada vez mais mandonas e proprietárias das ações que flutuam no mercado de valores da alma do ser criativo subjugado pela necessidade da existência. Ho, ho, ho, hi, hi, hi, ha, ha, ha, obrigado, meus amores. Ah, as mulheres, cada vez mais vencedoras, cada vez mais terceiromilenares, cada vez mais cada vez mais!

Oh, lá vem ela! Fêmea Via-láctea! Qual expressão deseja de mim, minha senhora?, que mordidas?, que carícias?, quais palavras?, quantas autópsias de suas frustrações? Vem me oferecer a sua sede para me afogar no espírito machucado porque autocentrado demais. Quem sou eu para criticá-la, minha linda? Nunca. Beijo. Beijo. Beijo.

“Será que hoje eu posso falar de amor?”, peço estranhamente singelo e sem sarcasmo. Que raridade!

“Não seja bobo, menino. Pegue um pedaço de giz, encontre uma galinha viva, segure a cabeça do animal contra o chão, risque um traço reto partindo do bico da ave, logo, ela fica hipnotizada. É assim o amor? Se fizemos direito, sim! Quero muito mais”.

A CRUELDADE DOS FELIZES

Fêmea alfa! O escritor é um gigolô. Sou bom demais no que faço, por isso, fodido, “sempre quis uma mulher bonita e inteligente que sustente o meu jeito de ser”, penso. Escapo dela por alguns instantes para alimentar o meu ego com pedaços de miolo de pão. Vejo você diante de mim.

“Sou um safado porque cheio de imaginação e poder de observação em tempos objetivos e imediatos demais. Vem aqui comigo, vem rir, vem ser terrível, vamos devolver ao mundo os herdeiros que o cinismo gerou com os nossos sonhos”.

RADIOHEAD NA PORTELA

(PSICOTRÓPICOS NOS TRÓPICOS)

A notícia de que durante alguns dias do verão carioca as pessoas reunidas na praia de Ipanema aplaudem o sol que em curta temporada se põe por trás do mar, criando um cenário natural que entope retinas de encanto, surgiu como o elemento que faltava para convencer o jovem londrino a vir visitar o amigo brasileiro durante o mês de fevereiro. Ao contrário da “perspectiva paranóica e clichê, fundamentada em estatísticas mas muito exagerada em sentimento, que demoniza os níveis de violência do Rio de Janeiro”, com que foi bombardeado antes de embarcar para o Brasil, “como se os crimes não acontecessem em outras cidades também”, mas o que sabe ele de fato?, Stanley (hipertexto, nascido em Londres, escapou por um bom tempo de ser mais um rebento do pragmatismo, rebelou-se contra os formatos pre-estabelecidos de como se viver durante anos mas os vícios da vida adulta foram mais fortes e com isso a necessidade de ganhar dinheiro massacrou os seus idealismos, atualmente, 27 anos, divorciado, sem filhos, mestrado em economia, mas gostaria de ter uma banda de Jazz, de férias do emprego, encontra-se em uma entressafra existencial, busca em palavras próprias “*something as extraordinary as beer but non-alcoholic*”, interessa-se por gestos curiosos tal como aprender idiomas de países mais pobres do que o seu e só se casaria novamente com uma mulher tão leonina e apaixonada quanto a Julieta do Shakespeare, o nome da persona-

A CRUELDADE DOS FELIZES

gem se refere à época do nascimento dela, o mês de julho, e daí?, tipo de informação inútil!) se viu enfeitiçado desde o primeiro momento pela atmosfera da cidade maravilhosa (hipertexto sob a ótica do anglocarioca romântico, “quase guerra civil? Tem certeza? Experimente oferecer oportunidades à população para ver o resultado”).

Tanto que: “Os brasileiros parecem dois níveis de felicidade acima de qualquer outro povo que eu já conheci”, conclui o visitante dentro do mar depois de uma semana no apartamento de João (hipertexto, conhecido como John, carioca atípico mesmo, riquinho arrogante, estranho, né?, *wannabe a british man* desde a infância porque, sabe como é, ele nasceu em berço de ouro, é um privilegiado em meio a plebeus que se digladiam por dinheiro, educação e cultura, quando não mero *status* social, enquanto ele estudou nos melhores colégios, inclusive em escola de Cambridge, Inglaterra, e portanto não faz parte da gentalha popular, “nem me pergunte o que é samba, Stanley, porque me interessa menos do que você”, 25 anos, solteiro, criado-por-avó, intoxicado de cultura, cinéfilo, amante de Stanley Kubrick, Wim Wenders, Akira Kurosawa e Alan Parker, viajado, Europa ocidental quase toda, Nova Iorque, Los Angeles, Toronto, Cidade do México, Moscou, Tóquio, Seul, Pequim, Cidade do Cabo, Sidney, Buenos Aires, Machu Pichu, em breve irá a Dubai, requintado, dá ótimos presentes aos amigos, melancólico, no fundo, no fundo, um sujeito bom mas que se leva a sério demais e não tem pena de sua própria gente, “quem disse que essa é a minha gente?”) localizado a dois quarteirões da praia. “De onde vem a alegria que acertadamente fazem tanta questão de mostrar?”, pergunta-se ao sair do mar o inglês de pele muito branca, agora rosada em exagero pela sucessiva exposição ao raios solares, desviando-se das bolas saltitantes das rodas de altinha e jogos de frescobol.

De volta à areia, percebe que se perdeu de sua companhia. Não faz ideia de onde se encontram a barraca alugada e a canga da menina que se apaixonou por ele pelo simples fato de

Rafa Lima

ser inglês. Observa a multidão bronzeada, quanta saúde em meio a tanta liberação de pensamentos. O desejo está no olhar. “Abaixo a repressão da libido! Se não tivesse a estátua do Cristo ali em cima do morro, isso aqui viraria uma orgia. Oh, Cristo! Por que não?”. Stanley ri. Caminha por espaços sinuosos, chuta areia por descuido sobre uma morena linda “que biquini, que rabo!” e pede desculpas em português carregado, evita o choque com uma barraca colorida, mas esbarra em um sujeito mal encarado, tendo que recorrer ao novo idioma mais uma vez, observa as pessoas e nem desconfia de que está numa faixa da areia dominada por pequenos traficantes querendo bancar os *playboys*, move-se mais um pouco, ouve alguém falando o novo idioma, para e tenta entender o que dizem: “Papo sério, mermão! Papo sério! Vasco e Flamengo é que é foda! O Fla-Flu já não tem tanto charme. O Fluminense só ganhou tanta moral lá no passado por causa do Nelson Rodrigues”. “Você está pirado, Xereca! Que papo é esse de passado? O século é vinte e um, porra!”. “O Nelson Rodrigues foi o maior talento do Fluminense do passado”. “*Tá* viajando, Xereca, *tá* viajando! O cara nem era jogador! Era escritor de sacanagem”. “Que ignorância, Frangolino! O cara era foda! A sua irmã se amarra nele”. “Olha o mate! Geladão! Olha o mateeee!”. “Não mete minha irmã na história!”. “Mas o que eu estava dizendo antes é que hoje em dia é diferente. O Maraca com Vasco e Flamengo é foda, mermão! Vasco e Flamengo é foda!”, mas como Stanley não entende bem a conversa dá mais uns passos para se afastar de um vendedor vestido de árabe que carrega um isopor e que passa berrando ao seu lado e se surpreende, “como tem mulher aqui! Por que será que tantas pintam o cabelo de loiro?”, é a região onde se encontram os grandes *playboys* querendo bancar os traficantes. O cheiro é inconfundível. Stanley se diverte muito. Quanta gente! Que fauna! Que flora! “Aquela bunda tem vida própria. Por sorte não paga imposto, melhor não dar ideia”. Ri sozinho. Stanley está perdido na

A CRUELDADE DOS FELIZES

praia. “Por que não sinto tanta liberdade de espírito em casa?”. Ah, liberdade! Liberdade, essa putinha! Stanley está doidão!

“Stanley!”, de repente, ouve uma voz feminina chamá-lo. “Você se perdeu?”.

Ele concorda com um gesto de cabeça e se abaixa para beijar rapidamente nos lábios Tati (hipertexto, o rebolado da verdadeira garota nacional, ela não come *fast food*, não vê filmes de Hollywood, não usa calça *jeans*, só bebe guaraná, adora palavras nativas como açaí, cupuaçu, acarajé e champanhe, não conhece o conceito de antropofagia cultural proposto por Oswald de Andrade na semana modernista de 1922, mas adora cair de boca sobre os gringos, nem percebe a semelhança, “ih, puxa vida”, esqueceu de tomar a pílula hoje, é tão cheia de modelos de comportamento que não suporta as modelos de passarelas, assiste aos jogos da seleção brasileira de futebol emitindo gritinhos agudos toda vez que a bola se aproxima de uma área ou de outra, embora considere futebol muito chato, “para que noventas minutos de jogo?”, só fala mal de amiga quando não tem jeito mesmo, sente pena do povo sofrido, “de verdade, acredite, é verdade”, mas atravessa a rua quando vê um mendigo, não entende, mas adora os antiquíssimos filmes do Godard, mais para contar para os outros que assiste coisas desse gênero e assim se sentir valorizada, quando ela mesma às vezes não sabe se dar valor, porque adora escolher homens canalhas, insensíveis, cachorrões mesmo, garantia contínua de sofrimentos e desvalorizações, faz da sua vida um RPG de novela, não transa sem camisinha com desconhecido, faz novos amigos diariamente, não trepa com ex-namorado de amiga, afinal, há uma ética, no máximo, no máximo, topa um boquetinho, não veio à praia anteontem mesmo com todo aquele sol que fez porque enfrentou uma fila danada para renovar o passaporte, acha o Brasil o melhor lugar do mundo, sem dúvida, “não há nada igual ao Rio de Janeiro”, mas adoraria morar em outro lugar, é categoricamente contra o turismo sexual, só rebola quando quer chamar a atenção) que está

Rafa Lima

sentada sobre uma canga de cores psicodélicas, molhando a moça com algumas gotas salgadas.

“Ai, que água gelada!”, prossegue Tati em inglês. “O seu telefone tocou, enquanto você estava no mar”.

“Olha o mate! Olha o galão! Geladão! É quase um *freezer*. Olha o mateel!”.

“Era o John. Deve estar na areia me procurando. Ele não tem o hábito de vir à praia, mesmo morando tão perto. Ele é mais inglês do que carioca”.

“Água, água, água! Coca! Guaraná!”.

“É a melhor! É a melhor! Não sou eu que falo, é o povo de Ipanema que diz, a sua *mousse* é a melhor”.

“Por que o seu amigo é tão mal humorado?”.

“Não fale assim dele, doçura. O John só precisa se soltar mais. Com licença. Oi, John, sou eu... está me ouvindo?... sim, estou, no mesmo lugar... sim, em frente à mesma barraca, só que mais perto do mar. Vi você! Olha para a sua esquerda... como assim não tem esquerda?”.

“Adoro o seu sotaque, sabia? Aliás, gosto de você todo!”.

“Olha a *esfiha* árabe. Delícia! Delícia! *Esfiha*, kibel!”.

“Olha o *brownie*, olha a larica!”.

O inglês sorri para esconder uma pitada de constrangimento. Nem de longe sente o mesmo pela moça. Tati é a terceira garota que conquista em uma semana, “não imaginei que as mulheres da elite carioca gostassem tanto dos estrangeiros”. Não demora, João e Flavinha (hipertexto, mulher inclassificável, só olhos nos olhos para se começar a saborear tal complexidade de espírito) se aproximam de Stanley e Tati, seguidos por Tonho (hipertexto, 44 anos, sete trabalhando na praia, diabético, sujeito batalhador de coração dividido entre dois amores, a filhinha de quatro anos chamada Laís que vive com a ex-esposa, a sanguessuga, e, cante com ele como se estivesse no Engenhão, palmas lá no alto: “E ninguém cala esse nosso amor/E é por isso que eu canto assim/É por ti, Fogol”). Lindo, emocionante, mas como sofre o pobre diabo.

A CRUELDADE DOS FELIZES

Tem coisas que só acontecem ao Botafogo!) que carrega duas cadeiras de praia e uma barraca.

“Aqui está bom, patrão?”.

“Bota um pouco mais para cá! Não! Não! Mais para cá!”.

“Aqui?”.

“Não, não, aqui!”.

O homem obedece, pois pensa no dim-dim no bolso no fim do dia. Na praia tudo é mais caro mesmo, “os bacanas só querem relaxar”. Pronto. Finalmente, estão o mais próximo possível do que se pode considerar confortável no formigueiro de sensualidade em um dia de verão que é o ponto em frente à rua Joana Angélica na praia de Ipanema (hipertexto, a explosão demográfica transformou a garota de Ipanema do terceiro milênio em uma matrona magérrima e conservadora, cheia de filhos, netos, bisnetos e sobrinhos miseráveis que pedem esmola à tia célebre, parentes cujos nomes a musa popular sequer desconfia, porque são poucos os sortudos a quem ela permite a benesse de mamar em uma de suas oito tetas mutantes sustentadas pelo silicone).

“Que semaninha agitada, hein, Stanley?”., provoca João.

“Mas está se divertindo, não está, meu amigo? Já até pegou um bronzado!”.

“*Matchi, matchi, matchiiiiii!* Geladão-geladão!”.

“Até fez sexo, não é, Jo-on?”.

As meninas explodem em risadas.

“Com quem?”, interessa-se Flavinha, nada deslumbrada por fazer parte de um diálogo em inglês. “Quer dizer que está me traindo?”.

“Nunca tive nada com você, sua doidinha. Vamos mudar de assunto, certo? Não quero falar sobre as minhas intimidades”.

De repente, Flavinha percebe a presença de um jovem *pimp wannabe*, com quem foi para a cama no mês passado, em uma noite de delírio, para rapidamente fingir ignorá-lo.

“Você não vai acreditar, Flavinha”.

Rafa Lima

“O que houve, Stanley?”.

“Ontem, nós três fomos à feijoada da Portela e em determinado momento o Jo-on começou a cantar Radiohead. Inacreditável!”.

“Está brincando? João, por que você não aceita o país em que vive?”.

“Porque não suporto essa ditadura do bem-estar, eu detesto o sol e a alegria obrigatória, foda-se, não me interessa pelo pôr-do-sol, nem pela luta popular por espaço, o Carnaval não passa de um circo megalomaniaco realizado para gringo abrir a carteira”.

“Como pode?”, ofende-se Tati. “Que mente imperialista de merda a sua!”.

“Não me enche, tchutchuca!”.

“Quer jogar frescobol, Flávia? Detesto ver uma pessoa tão inteligente agindo como gente burra”.

John, não mais João!, não mais João!, lança um olhar de desprezo à garota nacional, “ufa! Ufanismo!”, por instantes, ele delira, insolação na alma, deseja um eclipse solar que torne escuro o dia, quem sabe?, uma tempestade polar, o Rio de Janeiro abaixo de zero graus Celsius, “limpeza étnica é fascismo da pior qualidade, mas que tal um pouco de educação para esse povo ignorante e orgulhoso dessa ignorância?, por exemplo, esse objeto se chama livro, mas não!, vivemos sob a égide da Santíssima Trindade, futebol, mulher e cerveja, não precisamos de mais nada, certo?”, enquanto isso, à beira-mar, “não é possível que não exista um intelectual sem atitude pernóstica”, pensa Flavinha, enquanto rebate a bolinha com a raquete “por favor, intelectual gente-bona carioca, venha para a luz! Vamos diminuir a distância entre espaços que não se separam mesmo com túneis como o Rebouças, nem com a divisão simplista entre morro e favela”, ho, ho, ho, hi, hi, hi, ha, ha, ha, Cristo Redentor só tem duas mãos que juntas formam o maniqueísmo. Além? Ouvi dizer, vamos além algum dia? O Deus dessa

A CRUELDADE DOS FELIZES

cidade deveria ser um polvo, sim, sim, diversas vias, múltiplas ideias.

“Por favor, diga algo em português para eu praticar”, anima-se o jovem inglês, retirando o amigo do culto pseudofascista a.k.a. idiota mesmo.

“Eu seria capaz de cometer parricídio para trocar de lugar com você na sociedade inglesa, amigo”, John diz de modo acelerado.

“O quê? Repete mais devagar”.

“Eu seria capaz de cometer parricídio para trocar de lugar com você na sociedade inglesa”.

“Não entendi direito. Traduz, amigo”.

“Eu disse que estou planejando me mudar para a Inglaterra”.

“Está mesmo?”.

“De fato”.

“Está querendo bancar o dominador?”.

“Cale a boca, Stanley!”.

“Você deveria valorizar mais as maravilhas da sua cidade”.
Três segundos de escárnio silencioso.

“Você precisa aprimorar os seus gostos”.

“O Rio de Janeiro é maravilhoso!”.

“O Rio de Janeiro é caótico!”.

“Paraíso!”.

“Prisão!”.

“Novo mundo libertador!”.

“Retrocesso histórico!”.

Num instante, são distraídos pelo grito de outro vendedor de mate que passa carregando galões cheios da bebida, de gelo chacoalhante e sabe-se lá o que mais sobre os ombros, chonque, chonque, chonque. “De que servem o sol, a areia, o mar, os corpos, os olhares, o movimento se não se transformarem em liberdade?”. Liberdade, essa putinha com marquinha de biquini pela qual tantos povos se acostumaram a matar e morrer! “*So exciting, so exciting!*”.

Rafa Lima

“*Caraallah!*”, comemora o estrangeiro marijuanado em transbordamento, arranhando um palavrão em português. “Que lugar! Essa praia, essa gente, essa efervescência, tanta vida, tanta vida, oh, meu deus, John, veja aquela bunda! E aquela! E aquela!”.

“Veio fazer turismo sexual, meu amigo?”.

Stanley ri com ironia.

“O que é isso, amigo? Não é possível que logo você não entenda o que sinto. Tanta vida, tanto movimento, tanta alegria ao nosso redor, e você, Jo-on, fica com cara de guarda noturno!”.

“Vá se foder, Stanley! Em primeiro lugar, o meu nome não é Jo-on, é João! Fale direito se quiser ser respeitado pelos nativos. ão e não on! Continue a me chamar de John que fica mais fácil para você. Em segundo, parece que pegou sol demais de novo. Quero ver se sentir tão bem amanhã, quando estiver parecendo um camarão como aconteceu nos primeiros dias!”.

“Nada disso. A sua amiga Tati passou protetor solar em mim”.

Hesitação.

“Verdade?”.

“An-rã”.

Na praia, o silêncio faz barulho.

“Amanhã, eu não venho”, sentencia John.

“Eu venho”, declara Stanley.

O gringo quer sentir à carioca; o carioca quer ter os privilégios do gringo. O que vale mais? Trezentos ingleses assaltados, coagidos e humilhados no Rio de Janeiro ou um estudante brasileiro morto no metrô de Londres pela polícia inglesa cujo crime tentou encobrir?

We don't forget!

O brasileiro não tem memória?

A CRUELDADE DOS FELIZES

Lembretes para um final melhor para o conto ***Radiohead na Portela***.

1- Criar cena irônica sobre a colonização portuguesa do Brasil, lembre-se, Rafa, seu viciadinho ***britpop***, foi Portugal e não a Inglaterra quem primeiro fez a festa por aqui;

2- Terminar de ler mais uma vez ***Os versos satânicos*** do Salman Rushdie para ver se aprende de uma vez a ser um escritor de verdade (isso é sério);

3- Traduzir o livro para o inglês para um dia ser respeitado no Brasil;

4- Tomar um mate de galão na praia, meio mate, meio limão, mas tem que ser de galão, chonque, chonque, chonque!